

## **RÁDIO DIFUSORA ACREANA: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O GOVERNO DE WANDERLEY DANTAS (1971-1975) E OS PROCESSOS DE RESISTÊNCIA NO ACRE**

Jefferson Henrique Cidreira<sup>1</sup>  
Francisco Aquinei Timóteo Queirós<sup>2</sup>

### **RESUMO**

No presente artigo pretende-se analisar a Rádio Difusora Acreana (RDA) como um espaço difusor de ideologias, de discursos e de poder. Para o estudo serão utilizados os autores Alessandro Portelli e Montenegro, Michel Foucault. As análises serão complementadas com entrevistas e depoimentos de funcionários da RDA. As fontes citadas permitirão fazer um estudo sobre a Rádio Difusora Acreana, possibilitando evidenciar o uso do veículo como meio disseminador da ideologia dominante. O período de análise abrange o governo de Francisco Wanderley Dantas, que vai de 1971 a 1975.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso Ideológico do Estado, Rádio Difusora Acreana, Acre.

### **ABSTRACT**

In this article, we intend to analyze Difusora Acre Radio (RDA) as a diffuser of ideologies, discourses and power space. For the study the authors Alessandro Portelli and Montenegro, Michel Foucault will be used. The analysis will be complemented with interviews and testimonials from officials of the GDR. The above mentioned theoretical and oral sources will make a brief study on the Difusora Acre Radio, allowing demonstrate the use of the vehicle as a means of disseminating dominant ideology. The period of analysis covers the government of Francisco Wanderley Dantas, going from 1971 to 1975.

**KEYWORDS:** Discourse Ideological State, Radio Difusora Acreana, Radio, Popular discourses, Acre.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo busca analisar como a Rádio Difusora Acreana (RDA) foi utilizada como meio para a difusão dos discursos políticos no governo de Francisco Wanderley Dantas, no período de 1971 a 1975. Objetiva-se também estudar se havia

---

<sup>1</sup> Professor do quadro efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Acre; Gestor na Escola Municipal Boa União; formado em História Licenciatura pela Universidade Federal do Acre; acadêmico do curso de Letras/ Inglês pela referida Universidade; Pós-Graduado em Planejamento e Gestão pela Universidade de Várzea Grande do Rio de Janeiro e Mestre em Letras na linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Acre (UFAC).

<sup>2</sup> Professor do curso de Comunicação Social na Universidade Federal do Acre (UFAC). Mestre em Letras na linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade pela Ufac.

processo de resistência nesse período. Adota-se como fio condutor alguns pilares da Análise do Discurso (AD), caso de Michel Foucault, além de outros pensadores que permitirão elucidar os discursos que permeavam o cenário do estado do Acre, na década de 1970.

## **Discurso oficial *versus* discurso de resistência na década de 1970**

Os anos de 1971 a 1975 marcaram o período do mandato do governador Francisco Wanderley Dantas, nomeado pelo então presidente Garrastazu Médici. Dantas pertencia ao partido político ARENA (Aliança Renovadora Nacional), partido este de apoio à ditadura militar. Na época, havia apenas dois partidos, a ARENA e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro).

Segundo Souza (1998), a ditadura militar estabelece um novo “projeto” para o desenvolvimento da Amazônia, gerando uma política de integração à Amazônia, sob os *slogans* “de integrar para não entregar” e “levar homens sem terra para uma terra sem homens”. Ela cria um conjunto de programas políticos destinados a atrair grandes empresários da região centro-sul, como o próprio autor afirma:

Em agosto de 1971, a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) elaborou um Plano de Desenvolvimento da Amazônia, sendo o primeiro a ser executado entre os anos de 1972 a 1974. Os seus objetivos principais eram: promover o progresso de novas áreas e a ocupação de áreas vazias. O primeiro plano preferiu implantar na Amazônia grandes fazendas de gado em favor dos ricos empresários [...] (SOUZA, 1998, p. 201).

Ainda segundo o pressuposto de Souza (1998), Dantas adotou como estratégia econômica a pecuarização do Estado, com seu ideal de modernizar e trazer o “progresso” ao Estado do Acre.

Industriais paulistas viajarão para Rio Branco nos primeiros dias de janeiro com o objetivo de verificar as potencialidades econômicas no Acre. A iniciativa é o resultado de recente visita que o governador acreano, Sr. Wanderley Dantas, fez a São Paulo. Quatro grupos empresariais já acertaram a viagem, que está sendo coordenada pelo assessor especial do governo do Acre em São Paulo, economista Isaac Emídio Santos. Entre os grupos que integrarão a caravana está o Banco Brasileiro de Desconto-BRADESCO que vai instalar em Rio Branco uma agência bancária e uma escola com capacidade para 500 alunos. Vai também estudar a possibilidade de execução de um projeto agropecuário [...] Para o economista Isaac Emídio a viagem dos empresários representa um passo decisivo para o

desenvolvimento do Acre (que em 1972 comemora 10 anos de sua elevação a Estado) e procura concentrar esforços para captação de recursos da região centro e sul do país. O ano de 1972 - afirma Isaac Emídio - será importante para a “conquista da independência econômica do Acre, que deseja libertar-se de uma economia baseada essencialmente no extrativismo”<sup>3</sup>.

O processo de pecuarização, na acepção de Souza (1998), era desejo do governador Wanderley Dantas, que começa a receber incentivos fiscais do governo federal e também do governo Estadual. Assim, Dantas abria as “portas” do Acre aos empresários do centro-sul, que compraram terras mais baratas dos seringalistas falidos. Dantas utilizava-se do dinheiro do próprio Estado, tirando-o do Banacre (Banco do Estado do Acre) para financiar e atrair os grandes empresários. Como afirma Souza:

[...] Dantas oferecia aos empresários os seus incentivos estaduais, utilizando-se do dinheiro do BANACRE para financiar a criação de gado, colocando à disposição dos fazendeiros os serviços de setores do governo estadual para a elaboração de projetos agropecuários (SOUZA, 1998, p. 203).

Na visão de Souza (1998), Wanderley Dantas prometia “progresso” econômico ao povo acreano, com seus *slogans*: “*Novo Acre agora a independência econômica*”. Ou ainda como descreveu Marcílio Ribeiro Santana:

Acre, a nova Canaã.  
Um Nordeste sem seca,  
Um Sul sem geadas,  
Invista no Acre e exporte pelo Pacífico (SANTANA, 1988, p. 150).

Vale ressaltar, que o *slogan* “*Acre a nova Canaã*” fazia parte de uma campanha publicitária ampla que circulou em todos os jornais do Brasil reapropriada. Segundo Souza (1998), houve o uso das mídias para o discurso atrativo e ideológico de Dantas tendo como público-alvo os grandes pecuaristas. Segundo ele:

Wanderley Dantas fez enorme propaganda, em rádio e televisão, dentro e fora do Estado do Acre para atrair os fazendeiros. ‘Produzir no Acre, investir no Acre, exportar pelo Pacífico’ era o que dizia Dantas para incentivar os empresários a aplicar dinheiro na região acreana (SOUZA, 1998, p. 201).

---

<sup>3</sup> Jornal *O Rio Branco*, 15 de janeiro de 1972, nº 452, p. 3.

Entretanto, vale ressaltar que a propaganda realizada pelo governo Dantas foi além da afirmativa de Souza (1998), pois não atraiu somente os grandes empresários, mas também, pessoas de classes sociais mais baixas que visavam melhores condições de vida e de enriquecimento fácil, o que não observamos nos dizeres de Souza.

Segundo um migrante paranaense, que foi atraído pela propaganda do governo Dantas, era muito comum se falar desse modo no Paraná àqueles que estavam decididos a vir ao Acre: “vamos ensinar o que eles sabem e tomar o que eles têm” (CIDREIRA, 2006, entrevista). Essa frase era muito comentada por essas pessoas atraídas pelas propagandas do governo Dantas. No contexto da época, o rádio torna-se “um excelente meio de propaganda ideológica” (CALABRE, 2004, p. 18), usado para veicular seus discursos e interesses.

Segundo Foucault (1996), são marcados por relações de dominação e resistência, de conflitos, marcados pela busca de reforçar o poder, ou ainda, conforme afirma Foucault, “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

De acordo com o exposto na revista *Novo Acre*, o que interessava para o governo Wanderley Dantas era a “integração do Acre ao restante do território pátrio, estimulando a diversificação da economia acreana pela introdução de novas técnicas e outras atividades, e não apenas as relativas à borracha e a castanha”<sup>4</sup>.

E esse chamamento, essa facilidade para a vinda dos investidores do centro-sul para a região acreana com a intenção de estabelecer suas atividades econômicas, determinou a vinda do “novo”, ou seja, com projetos e execuções de hotéis, estradas, estações rodoviárias, então, na visão do governo, o Acre ganharia com isso desenvolvimento e “progresso”. Por conseguinte, segundo Wanderley Dantas:

Diante do visível declínio de sua principal fonte de renda, a borracha, constituiu de fato, o motivo básico da permanente preocupação do governo em intensificar os programas de apoio ao setor agropecuário, consciente de sua importância determinante na construção do progresso sócio-econômico do Acre e sua conseqüente integração na economia nacional<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Revista *Novo Acre*, s/d, p. 5.

<sup>5</sup> 8ª Sessão do Simpósio de História do Acre governo: Wanderley Dantas.

# TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

A Rádio Difusora Acreana (RDA), assim como outros meios de comunicação, também era “controlada” pelo Estado. Diz-se isso não por ela ser simplesmente uma Rádio estatal, mas pela censura pregada pela ditadura militar.

Em entrevista concedida pelo radialista José Francisco de Melo Filho<sup>6</sup>, ele enfatiza que os funcionários sofriam censura nos anos de “chumbo” da ditadura militar: ou:

Aqui na Rádio, éramos visados pela Polícia Federal, não podia sair músicas de Caetano Veloso, aquela música ‘sou louco por ti América’, Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Maria Betânia, aqueles cantores daquela época, todos eles foram mal vistos pela ditadura militar e se a gente rodasse, o operador não soubesse, era chamado na polícia federal e tinha que se explicar porque rodou aquela música que estava censurada (MELO, 2012, entrevista).

Zezinho Melo relata ainda que foi a partir desse momento que a Polícia Federal passou a enviar para a rádio uma lista contendo as canções que não podiam ser tocadas. O próprio governo estadual também censurava músicas ou práticas que fossem de encontro aos interesses do Governo Militar.

A partir daí a polícia militar enviou um documento à Rádio Difusora dizendo quais as músicas e cantores que não poderiam tocar aqui na Rádio Difusora Acreana. [...] O governo [Estadual] da época também, ele não deixava que tocasse esse tipo de música e ninguém falasse contra o próprio governo [...] (MELO, 2012, entrevista).

A própria localização da RDA, próxima ao Palácio do Governo, já remontava desde sua fundação, a ideia de fiscalização, vigiar esse espaço para que fosse usada de acordo com seus interesses. Assim, como nos remonta a questão do Panóptico de Jeremy Bentham retomado por Foucault, o qual o observa como um instrumento, uma ferramenta de vigilância que permite que os guardas possam vigiar eficientemente e constantemente o comportamento dos encarcerados. Logo, o autor afirma que:

O Panóptico [...] permite aperfeiçoar o exercício do poder. E isto de várias maneiras: porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido [...] Sua força é nunca intervir, é se exercer espontaneamente e sem ruído [...] Vigiar todas as dependências onde se quer manter o domínio e o controle. Mesmo quando não há realmente quem, assista do outro lado, o controle é exercido. O importante é [...] que as pessoas se encontrem presas numa situação e

---

<sup>6</sup> O radialista também é conhecido como Zezinho Melo e trabalha na rádio desde outubro de 1962.

# TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

poder de que elas mesmas são as portadoras [...] o essencial é que elas se saibam vigiadas (FOUCAULT, 2009, p. 170).

Essa ideia “panóptica” é análoga ao pensamento expresso por Zezinho, ao dizer que “nesse reduto aqui, Difusora e Palácio, a gente era vigiado a todo momento” (MELO, 2012, entrevista). Além disso, havia também as frequentes visitas à estação da RDA, e as ordens dos governantes que passaram pelo Palácio, estabelecendo o que podia e não podia fazer, dizer, dentro de seu espaço, em suas programações.

Um dos objetivos do governo era a pecuarização, que a vinda de grandes empresários do centro-sul do país para trabalhar e, supostamente, trazer o progresso para o estado. Contudo, o que realmente trouxe foi o “caos”, o “banho de sangue” pelas disputas de terra entre esses empresários, com a ajuda do governo, contra os posseiros.

A partir disso, os discursos políticos desse período começaram a encontrar focos de resistência por boa parte da população acreana, fazendo com que a censura nos meios de comunicação e na cidade de Rio Branco fosse intensificada. A repercussão com o advento da chegada dos “paulistas” foi negativa para os governantes. A entrevista com Zezinho é elucidadora, a respeito da grande repercussão causada nos anos 1970 com a chegada “dessas pessoas”. Segundo ele:

Teve uma repercussão muito grande, porque veio muita gente de fora e o acreano não era acostumado com as pessoas vindas de fora. E a partir daí teve assim receio por parte de muitos acreanos, principalmente políticos. [...] e com isso, teve em determinados momentos, conflitos, né? De seringueiros com essas pessoas que chegavam pra expulsar de suas terras [...] (MELO, entrevista, 2012).

Com isso, percebe-se aquilo que Hall nos propõe em seu livro, “*Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*”, os governantes desejam que seus interesses sejam hegemônicos, mas o que é dito na Rádio Difusora não terá apenas um significado, pois a audiência, os ouvintes, as pessoas que trabalham no veículo não são totalmente passivas. Logo, torna-se impossível o discurso ser hegemônico:

[...] Ser perfeitamente hegemônico é fazer com que cada significado que você quer comunicar seja compreendido pela audiência somente daquela maneira pretendida. Trata-se de um tipo de sonho de poder - nenhum chuveiro na tela, apenas a audiência totalmente passiva. Ora, o problema pra mim é que não creio que a mensagem tenha somente um significado (HALL, 2003, p. 366).

Zezinho nos fala claramente que em suas “reuniões”, conversas com seus colegas de rádio, conversas em *off*, era clara a opinião entre eles de serem totalmente contra esse regime político e a censura que era imposta no serviço de telecomunicação e a eles também, “tinha que ficar calado, acho que não só eu como outros também, porque a rádio toda vida foi do governo, então a gente ia pra rua” (MELO, 2012, entrevista).

Apesar das dificuldades impostas pelo regime, os funcionários tentavam, por intermédio, das músicas, manifestar o seu pensamento contrário ao discurso dominante do governo. Essa era uma das formas de resistir às imposições do Estado e da Ditadura Militar. Isso é possível de perceber na fala de Zezinho Melo: “Eu coloquei aquela música ‘soy loco por ti América’. (...)me chamaram lá [e perguntaram] se eu não sabia que era proibido rodar e eu disse: eu não sabia, mas quem é que não sabia? (MELO, entrevista, 2012).

Com essa tomada de posição contra o governo, ocorreu uma maior intensificação da censura e também das punições sobre os profissionais da RDA. Zezinho é taxativo em citar nomes daqueles que foram afastados por proferir discursos contra o governo. Segundo ele:

Teve determinado colega que foi censurado por governos aí, por motivos de algumas notícias que foram dadas. Eles pensavam que era jogar de encontro o governo contra o seringueiro e o seringueiro contra os que vieram tomar a terra. [...] O Altemir Passos foi um dos afastados, o Estevão Bimbi, em determinado momento, falou algumas coisas e foi embora [...] (MELO, 2012, entrevista).

Nesse período, a maioria das programações era irradiada ao vivo, e por conta desses discursos contra o governo os próprios governantes começaram a se utilizar de meios para terem um maior controle sobre as enunciações dos locutores da RDA, utilizando-se de rádio escutas, e, depois, a suspensão de programas de noticiários ao vivo e passando a utilizar o aparelho conhecido como *Rádio-censura*, que gravava todos os programas, que eram escutados e cortados, quando necessário, antes de irem ao ar: “quando nós começamos a divulgar isso aí [notícias contra o governo], eles colocaram serviço de rádio-escuta, onde é o serviço de rádio do Governo, onde hoje é o Memorial [...] Tinha pessoas do governo que ficavam na escuta, tiravam do ar”. (MELO, 2012, entrevista).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O governador Wanderley Dantas se utiliza dos benefícios da Rádio Difusora Acreana para disseminar os seus interesses: a vinda de sulistas para o Acre e o incentivo a pecuária. Além disso, a RDA viveu, na década de 1970, sob a égide da Ditadura Militar.

De acordo com o funcionário da rádio, entrevistado para elaboração dessa pesquisa, a divulgação de músicas proibidas era uma forma de resistir às imposições. Além disso, publicava-se conteúdo não desejado pelos governantes, como no caso dos conflitos de terras desencadeados pelos “paulistas”. Mesmo que a divulgação tenha sido de maneira branda, ela era feita a contragosto do governador.

A partir disso, é possível retomar o pensamento de Foucault que diz que não se pode controlar por completo as manifestações contrárias e as estratégias de resistência daqueles que se posicionam de forma oposta a determinadas formas de pensar e agir. O autor ressalta ainda que o poder não está centrado nas mãos de ninguém, por isso cabe a todos o direito ao questionamento e ao exercício de seus micropoderes.

Por fim, acredita-se que muito a RDA contribuiu para o estado do Acre desde sua fundação em 1944. O enfrentamento e o combate se mantiveram até mesmo no período da ditadura em que se sustentava um discurso de “Acre – terra prometida”. Mesmo com toda a vigilância sofrida pelos funcionários da RDA, eles encontraram métodos de comunicar sua discordância em relação ao governo existente na década de 1970.

## REFERÊNCIAS

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CIDREIRA, Saint' Clair. Entrevista concedida a Jefferson Henrique Cidreira. Rio Branco, novembro de 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.



# TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 36ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais (org.) Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende. et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MELO FILHO, José Francisco. Entrevistas concedidas a Jefferson Henrique Cidreira. Rio Branco, 25 de novembro de 2006 e 23 de outubro de 2012.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória:** a cultura popular revisitada. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História oral.** In Projeto História: Revista do Programa de estudos Pós-Graduados em História e do Departamento da PUC-SP, 1997

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **15 textos de História da Amazônia.** Rio Branco: UFAC, 1998.

SANTANA, Marcílio Ribeiro. **Os “Imperadores do Acre”.** Uma história da recente expansão capitalista na Amazônia Ocidental: Contribuição à história da recente expansão capitalista na Amazônia. Brasília, UNB, 1988.